

BEST-SELLER MUNDIAL, O MAIOR CLÁSSICO DO MESTRE DOS THRILLERS JURÍDICOS!

SCOTT TUROW A SUSPEITA

O quanto uma mulher está disposta a arriscar pela verdade?



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SCOTT TUROW

A SUSPEITA

Tradução
Sandra Martha Dolinsky



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © S.C.R.I.B.E., Inc., 2022
Publicado em acordo com o proprietário.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Suspect*

Coordenação editorial: Franciane Batagin Ribeiro | FBatagin Editorial
Preparação: Lígia Alves
Revisão: Edgar Costa Silva e Caroline Silva
Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: Елизавета Привалова/ Adobe Stock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Turow, Scott
A suspeita / Scott Turow ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
368 p.

ISBN 978-85-422-2901-1
Título original: *Suspect*

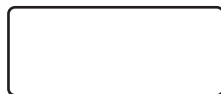
1. Ficção norte-americana 2. Thriller I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

24-4672

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Maiola
e impresso pela Geográfica para
a Editora Planeta do Brasil em
setembro de 2024.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1. ALGUMA COISA ESTRANHA

— Tem alguma coisa estranha com o meu vizinho — digo a Rik.

Do outro lado da mesa da sala de reuniões, com relutância, ele tira os olhos pequenos e cansados do documento que está revisando. Por um segundo, parece estar tentando entender minhas palavras, mas logo me dá um sorrisinho malicioso.

— Já sei o que você está pensando — digo. — *Olha quem fala!* Mas ele é estranho mesmo. Talvez não estranho como eu, mas é.

— Quer dizer que ele não tem um prego enfiado no nariz?

— Engraçadinho — respondo.

Não estou usando hoje, e nem é um prego de verdade. É só um piercing gótico antigo que comprei de segunda mão – a cabeça e a ponta romba de um prego, que ficam uma de cada lado. É minha marca registrada há anos. Mas Rik diz que seria melhor eu pendurar no pescoço uma daquelas placas de trânsito que dizem “Curva acentuada à frente”. Há dois anos, antes de começar a trabalhar aqui no escritório de advocacia dele como detetive particular, prometi tirar o piercing quando fosse conduzir entrevistas ou atender clientes. Por sinal, Rik está tão estressado com esse caso que eu coloquei um dos três vestidos que tenho – um reto, azul, cujas mangas compridas escondem algumas das minhas tatuos mais escandalosas.

— Pode debochar — digo —, mas tem alguma coisa errada com aquele cara. Ele mudou para lá faz um mês e não fala com ninguém. Não recebe visitas, não sai para trabalhar. As paredes internas daquele prédio são tipo aquelas telas japonesas, mas faz semanas que não escuto nada daquele apartamento. Parece até um monge que fez voto de silêncio; não tem gente falando, telefone, música, nada. Eu reparei que ele não tem carro. E nunca tirou a correspondência do inquilino anterior da caixa do correio. O carteiro tem que jogar a correspondência no chão, e ele passa por cima. Ele é bem esquisito.

— Parece um cara que quer sossego. O que significa que você devia deixá-lo em paz.

— Estou com um mau pressentimento em relação a ele — respondo.
Rik levanta sua mão macia.

— Pinky, por favor! Nós temos dez minutos antes da nossa primeira reunião com essa cliente. Vamos causar uma boa impressão, sim?

Esse caso viralizou na internet – foi manchete de vários jornais durante dias e inclusive fez sucesso em programas de fofoca da TV. Nossa cliente, a delegada de polícia daqui de Highland Isle, foi acusada por três policiais de exigir sexo em troca de promoções no trabalho – “sextorsão”, como disseram alguns tabloides de supermercado. Foi registrada uma queixa na Comissão de Polícia e Bombeiros, a “P&B”, como eles dizem, e estão pedindo a demissão da delegada Gomez. Pior ainda, o promotor de justiça abriu uma investigação e quer levar o caso ao grande júri federal, o que pode acabar até em prisão. A delegada está numa situação complicada.

Rik está relendo o arquivo, e eu digo:

— Não consigo entender aquele cara. Ele sai uma vez por dia, lá pelo meio-dia, com a mochila de ginástica. E na volta ele traz o jantar. Sete dias por semana é a mesma coisa. Qual é a dele? Será que está espionando alguém? Ou está no programa de proteção à testemunha?

Rik ergue os olhos de novo e fica evidente que ele não se lembra do que estou falando. Podemos dizer que Rik e eu somos meio que parentes. Sua querida e falecida mãe, Helen, se casou com meu avô, Sandy Stern, um pouco depois de eu nascer. Lembro de Rik quando eu era pequena; ele era um universitário supernerd, gordinho, tão confuso por causa do divórcio dos pais que conseguiu tomar pau na Easton College por não frequentar uma aula sequer durante quarenta e nove dias seguidos. Quando ele se recuperou e voltou, passou o curso todo meio perdido e quase não conseguiu se formar em direito.

Agora, uns vinte e cinco anos depois, o corpo dele tem um formato peculiar. Seu cabelo ralo e cor de rato parece espuma de sabão suja que vai se desfazer a qualquer momento. Mesmo assim, às vezes eu penso que seria bom ser como ele: uma pessoa que aprendeu com os problemas do passado e, como resultado, é gentil com todo mundo.

Depois de reordenar seus pensamentos, Rik me olha feio por eu ter falado de novo do meu vizinho.

— Pinky, a sua imaginação deve ser um dos lugares mais interessantes do mundo. É como viver em 4D. Está cheia de coisas que jamais poderiam acontecer, e para você são a atração principal.

— Ah, minha intuição é ótima! Você não diz que às vezes eu tenho PES?

— Sim, às vezes você tem percepção extrassensorial — diz ele —, mas outras vezes tem MFN.

— MFN? — penso um pouco antes de perguntar.

— Muita falta de noção.

Me provocar é um dos passatempos favoritos de Rik no trabalho. Desde pequena, ser objeto de gozação sempre me incomoda muito, mas com Rik eu levo numa boa. Ele é o melhor chefe do mundo, e as maiores risadas que ele dá são dele mesmo (como quando decidiu, no ensino médio, tirar o c de “Rick”, achando que cortar uma letra do seu nome o tornaria descolado). Além disso, ele e Helen sempre me pareceram gostar mais de mim do que a maioria dos meus parentes.

— Vamos manter o foco — diz ele. — Não quero que a delegada mude de ideia. Você sabe o que esse caso pode fazer por nós.

Rik não atua em casos que atraem muita atenção. Eu fui paralegal no escritório de advocacia do meu avô antes de ele se aposentar. Ele e minha tia representavam os vigaristas mais ricos das Tri-Cities, e o escritório tinha a atmosfera tranquila e a mobília pesada de um saguão de banco. Com Rik, estou meio que na classe trabalhadora do mundo jurídico. Nosso escritório, em uma parte de Highland Isle que está em processo de revitalização, é apertado e tem nas paredes aqueles painéis baratos que as pessoas usam em porões. Nós cuidamos de muitos casos de acidentes de trabalho e de trânsito, para pagar a conta de luz. Rik adoraria fazer defesas que dão mídia, assim como vovô fazia, mas a maioria dos casos criminais que entram pela porta daqui são contravenções movidas a álcool — brigas de bar e adolescentes que são pegos dirigindo bêbados pela primeira vez. Aos cinquenta e dois anos, Rik acha que o caso da delegada Gomez pode ajudá-lo a finalmente crescer na profissão.

— Achei que ela já tivesse contratado você — digo.

— Nós conversamos em um café por uns dez minutos antes de a delegada sair de férias, mas nada de verdinhas na mesa.

Ele está se referindo a um adiantamento. No direito criminal, temos que receber adiantado, considerando que os clientes não costumam mandar cheques da prisão.

— Em tese, nós vamos resolver isso hoje — completa.

Ele volta a atenção de novo à queixa da comissão P&B, só por um segundo, mas de repente para e olha para mim.

— Como ele é? — pergunta.

— Quem?

— Seu vizinho maluco. Você não está de olho nele? *Como ele é?*

— Não sei — digo. — Asiático.

— Ele faz academia duas horas por dia. Deve ter o corpo bom, certo?

Sem dúvida, o homem é magro e está em forma, mas o que mais chama a atenção é a pele, de um tom rico que nunca vi antes. Mais ou menos como o ocre da minha caixa de giz de cera, mas mais lustroso. É alto também, tem mais de um e oitenta.

— Por que você está perguntando? — questiono.

— Porque talvez você esteja a fim dele.

— Não. O cara tem uns quarenta e cinco anos, e você conhece o meu histórico, Rik: mulheres mais velhas, caras mais novos.

— Pinky, não é da minha conta, mas o seu histórico parece com o de qualquer pessoa que nasceu humana.

— Engraçadinho — digo de novo, mas provavelmente ele tem razão.

Nomi, a assistente de Rik, coloca a cabeça para dentro da sala e avisa:

— A delegada Gomez chegou.

Como não é mulher de esperar, Lucia Gomez-Barrera irrompe na sala com uma explosão de energia positiva e imediatamente abre os braços para Rik.

2. A DELEGADA

Como Rik conta, a delegada e ele foram amigos no ensino médio. Ela era uma daquelas gostosonas que deixavam os garotos loucos só de andar pelos corredores, e Rik era o parceiro de laboratório dela nas aulas de biologia e não representava uma ameaça (além disso, ele já tinha um vínculo eterno com Marnie, sua atual esposa – fato que, francamente, não consigo entender. Com trinta e três anos eu ainda considero impossível ficar com uma pessoa para sempre, imagine começar a namorar firme antes de ter idade para dirigir).

Rik me apresenta como sua “detetive particular número um” e a delegada me oferece a mão. Mesmo nos dias de hoje, muitos policiais não gostam de pessoas como eu, tatuadas do pescoço aos tornozelos e com um moicano magenta (e uma parte raspada azul de um lado). Mas a delegada Gomez é calorosa como uma professora de jardim de infância, com um sorriso que é cem mil lúmens de pura luz e, veja só, covinhas. Uma delegada de polícia com covinhas!

Eu tenho uma ex que ainda é minha amiga e que está trabalhando em HI. Só para ganhar alguma credibilidade, pergunto sobre Tonya Eo à delegada.

— Tonya é uma policial de verdade — diz a delegada, o que é um grande elogio. — Acabou de ser nomeada sargento-detetive. Amiga sua?

— Nós fomos alunas na Academia do Condado de Kindle na mesma época.

— Faz mais de dez anos? Você prestou juramento?

— Não, eu marquei bobeira — digo, mas não conto que fui reprovada em um teste de doping. — É a história da minha vida.

Recebo um sorriso doce e solidário. A delegada Gomez está me causando uma impressão positiva, e isso é meio surpreendente. Nunca gosto de cara da maioria das pessoas, e definitivamente elas não gostam de mim. Costumo provocar hostilidade quase imediatamente nelas. Levei um tempo – e um ou dois psicoterapeutas – para perceber que ainda sou basicamente uma criança que tem medo de estranhos.

A primeira coisa que ela faz é entregar um envelope a Rik.

— Hipotequei minha casa de novo, Ricky. Espero que você faça por merecer, cara.

A delegada está com seu uniforme de gala, daquele azul-esverdeado de Highland Isle, que eu chamaria de cor de vômito. A jaqueta comprida, que deve estar cobrindo sua arma, tem tranças douradas sobre cada ombro e duas fileiras de botões de latão, e a estrela da polícia, também dourada, em cima do seio esquerdo. A luz daqui não é a que se escolheria em uma loja de cosméticos: fluorescente e forte, pois não temos janelas. Mesmo assim, a Lucia Gomez de carne e osso é mais bonita que a da TV, ainda que, diga-se de passagem, ela tenha bastante carne. Calculo que deve ter pouco mais de um metro e meio e uns setenta quilos. Tem um rosto redondo, maçãs do rosto de estrela de cinema, olhos escuros grandes e uma pele linda – “bege quente”, como aquela cor de sombra da Sephora.

Para entrar no clima, Rik começa repassando os detalhes biográficos deles. Depois do ensino médio, praticamente perderam o contato e, quando se reencontraram, aqui, em Highland Isle, no máximo almoçavam juntos de vez em quando. No entanto, considerando o que a maioria dos policiais pensa dos advogados de defesa, Rik não se surpreende com o fato de, na crise que está enfrentando, ela ter procurado alguém que conhece desde sempre.

Quanto a seu passado, a delegada nasceu e foi criada em Highland Isle, com seus seis irmãos, em uma casa térrea de três dormitórios e um banheiro. O pai dela era soldador, equatoriano, e a mãe era mexicana; os dois já faleceram. A delegada se alistou no Exército um mês depois de se formar no ensino médio, porque imaginava que a G.I. Bill – lei promulgada em 1944 que estabelece benefícios para os veteranos de guerra – seria a única maneira de poder fazer faculdade. Depois de sobreviver à Guerra do Golfo, ela se matriculou na Academia de polícia do Condado de Greenwood JC, onde ouviu falar sobre a preferência da polícia pela contratação de veteranos de guerra, e a Força Policial Unificada do condado de Kindle ofereceu a ela um lugar na Academia.

— Nunca imaginei que você iria virar policial — Rik comenta.

— Nem eu. Mas adorei desde o começo, tirando as rondas com o Ritz, que foi meu primeiro oficial de treinamento. Mas senti que era isso que

eu devia fazer, que poderia fazer a diferença todo dia. Eu me esforçava para ouvir todo mundo: vítimas, testemunhas, até os caras algemados.

Ela continuou a faculdade, à noite, e se formou em criminologia; depois fez mestrado, e em menos de seis anos era detetive do condado de Kindle.

— Eles estavam procurando mulheres na época — ela aponta, e dá de ombros humildemente.

Ela se casou com um colega detetive, mas o fato de subir na carreira mais rápido que Danny foi um problema para eles. Na esperança de salvar as coisas, ela trocou Kindle por Highland Isle, mas o casamento foi para o espaço mesmo assim, enquanto a carreira dela continuava avançando. Ela chegou a comandante, a número dois do departamento, em tempo recorde.

Quando o antigo delegado, Stanley Sicilino, foi demitido, há doze anos, pela primeira prefeita reformista de Highland Isle, Amity DeFranco Nieves, Lucia foi a escolha consensual para substituí-lo. Latina, criada em HI, currículo acadêmico robusto. Ela diz que já arranhou muita inimizade, mas que é assim que a coisa funciona.

Depois desse preâmbulo ameno, Rik entra no assunto propriamente dito, que é a queixa da P&B. Vovô me dizia que existem dois tipos de clientes: os que falam sem parar sobre o caso e os que fazem de tudo para evitar o assunto. Daria para imaginar que quem fala muito está indignado e é inocente, mas vovô dizia que muitos criminosos acham que a melhor coisa, tirando não ter cometido o crime, é fazer os outros acreditarem nisso. Já as pessoas acusadas injustamente — um grupo menor, sendo bem sincera — muitas vezes precisam se esforçar muito para se controlar.

Sem dúvida, a delegada não estava ansiosa para esta conversa. Depois de contratar Rik, ela tirou duas semanas de férias, para o casamento da filha mais velha, e prometeu não pensar no caso. E não pensou mesmo; Rik disse que teve que ligar para ela quatro vezes para marcar esta reunião.

Mas para mim é fácil entender por que é difícil para ela enfrentar as acusações, que me pareceram inconsistentes desde que Rik me explicou tudo.

— Por que isso seria um crime? — perguntei. — Transar com uma pessoa? O que o procurador federal está investigando?

— Porque ela é uma servidora pública — disse Rik.

— Porque ela é mulher, chefe. Os homens odeiam quando uma mulher faz o que quer com o corpo dela. As histórias desses caras não fazem sentido. Tudo bem, claro que os homens podem ser estuprados ou agredidos, mas são homens comuns, não os que carregam um três-óitão na cintura. Isso sem falar no básico: se o bilau não quiser jogar, não tem jogo. Como ela poderia ter forçado esses caras?

— Eles alegam que não queriam — disse Rik, e deu de ombros.

Há um mês, no dia em que Rik se encontrou com a delegada para tomar um café, só sabíamos os poucos detalhes que tinham vazado para a revista *Tribune*. Mesmo assim, ficou claro que algum conhecedor do funcionamento da política em ano eleitoral estava envolvido. É evidente que a queixa da comissão P&B, apresentada poucos dias depois, tinha sido planejada para pressionar ao máximo a prefeita Nieves, que está concorrendo de novo, a demitir a delegada. Mas a prefeita, que depois de doze anos no cargo aprendeu a se esquivar, disse que deixaria tudo para a P&B. Em vez de ceder, a delegada se recusou a sair de licença.

— É tudo mentira — diz a delegada. — Quero ver aqueles palhaços lá em cima testemunhando essa merda, dizendo que eu supostamente disse “Sexo ou...”. É bem essa a postura dos policiais. Eles sempre pensam o pior de todo mundo, especialmente da metade dos policiais com quem trabalham, e vivem inventando merda sobre eles.

— Tudo bem, tudo bem — diz Rik, e assente com a cabeça várias vezes, tentando determinar se é seguro sondar mais. — Mas os três foram promovidos, certo?

— Claro. E eu assinei as promoções. Mas houve uma boa razão em cada caso.

Rik pede que ela passe um perfil dos três homens que a acusam — “os alegadores”, como os chama, no típico humor sombrio do mundo da defesa criminal.

— Dois deles, Primo DeGrassi e Walter Cornish, trabalharam juntos na Narcóticos durante anos, até que eu os tirei de lá. Cornish se aposentou ano passado e DeGrassi saiu mais ou menos um ano antes. Pode acreditar: se você investigar — diz ela, apontando para mim —, vai ver que os dois estão ligados ao Ritz. Ele está por trás disso.

É a segunda vez que ela se refere a “o Ritz”. Uma coisa que me assusta em relação às pessoas é que eu normalmente não consigo acompanhar o raciocínio delas nem fazer as conexões que todo mundo acha óbvias. Eu lembro que via TV, quando era criança, e ficava tão passada com o que acontecia com as personagens que pedia para Johnny, meu irmão mais novo, me explicar. “Por que ela disse que odeia ele? Achei que ela gostasse.” “Ela gosta dele, por isso disse que odeia. Porque está muito decepcionada.” Ainda hoje, muitas vezes me sinto perdida e meio em pânico.

— O Ritz? — pergunto, apesar de Rik preferir que eu me limite a ouvir. — O mesmo nome do hotel?

Ela me dá um sorriso simpático.

— É o apelido de um cara do mal.

Rik levanta a mão para poder redirecionar a conversa. Ele quer que ela conte primeiro sobre o terceiro policial da denúncia.

— Blanco? Nós o chamamos de Frito na delegacia. Ele é um grande mistério. Ex-coroinha e escoteiro de nível Eagle Scout. Estrela de Bronze no Afeganistão. Está sempre calado, nada altera aquele cara, veste a camisa da polícia. E eu sempre fui muito legal com ele, não imagino por que está inventando essa merda toda.

Rik faz outra anotação e diz:

— Certo. Estou no escuro como a Pinky. Quem é o Ritz?

A delegada responde com uma risada amarga.

— Todo mundo aqui sabe quem é o Ritz. Moritz Wojczek. — *Voi-tchek*.

— O da imobiliária? — pergunto, provando o argumento dela.

Ouve-se o nome de Wojczek em todo lugar. A empresa dele parece administrar todos os prédios da cidade, inclusive o meu. Ele é dono da maior imobiliária de Highland Isle e, sem dúvida, o incorporador mais ocupado. Se tiver um buraco no chão em HI, provavelmente vai ter uma placa na frente dizendo “Wojczek”. Definitivamente, ele é poderoso por aqui.

— Li no *Trib* ano passado — diz a delegada — que o Ritz vale uns trezentos milhões de dólares. E ele deve tudo a mim.

— A você? — pergunta Rik.

— Eu o demiti da polícia assim que virei delegada. Bem, não demiti, só sugeri que ele saísse.

— Você não disse que fazia patrulha com o Ritz no condado de Kindle?

Eu continuo confusa.

— Isso — diz ela. — Nós dois começamos ali. Eu poderia passar a tarde inteira contando histórias sobre nós dois, mas o resumo é simples: ele vai cuspir no chão que eu pisar porque eu o derrubei. E ainda estou de olho na sujeira que ele anda fazendo por aqui.

— Que tipo de sujeira um magnata do setor imobiliário anda fazendo? — pergunta Rik.

— Sujeira das grandes. Quando o Ritz estava na Narcóticos, todo mundo sabia que ele traficava. Está mais discreto, mas não mudou de comportamento. Fentanil é a droga que dá dinheiro agora, provavelmente ele está metido com nisso. Eu adoraria testemunhar sobre a nossa rixa.

Rik fica sacudindo a cabeça por um tempo.

— Lucy, por enquanto você não vai chegar nem perto do banco de testemunhas.

Rik detalha o estranho fundamento processual do caso da P&B. Como as coisas estavam quentes na política, o procurador local, que atua como promotor, concordou em convocar uma audiência para que os três alegadores possam contar suas histórias, mas, por causa da Quinta Emenda, a delegada não vai apresentar defesa enquanto o procurador federal não a liberar.

— E esse é o melhor dos dois mundos para nós — diz Rik. — Vamos enfraquecer as histórias desses caras usando as coisas que Pinky está preparando. — Ele sorri para mim, e eu sei que não devo engolir em seco. — Quando os federais se recusarem a processar você, se o município ainda não tiver encerrado o caso, você vai se levantar e dizer: “Isso tudo é mentira, eu nunca transei com esses caras”.

A delegada demora um bom tempo para falar, já sem as covinhas.

— Talvez não seja exatamente isso que eu diria — admite por fim.

— Ah — solta Rik depois de um tempo.

A delegada olha para seu relógio.

— Chega por hoje.

Rik pede que eu a acompanhe. Ele ainda está à mesa da sala de reuniões quando volto, massageando as têmporas. Olha para mim e filosofa:

— Clientes...

3. O VIZINHO ESTRANHO

Com Rik, acho que é a primeira vez na vida que eu saio para trabalhar de manhã sem sentir que estou indo para a prisão (trabalhar com vovô sempre foi legal, mas eram oito horas por dia dentro de uma fortaleza de papel).

Anos antes, eu estava empolgada para ser policial. Tinha certeza de que poderia ser menos imbecil que os caras que me assediavam quando eu estava na pior fase das drogas, logo depois que fraturei a coluna e tive que desistir do snowboard. E o jeito desconfiado como os policiais olham para as pessoas é, francamente, muito parecido com minha atitude básica em relação a todo mundo. Durante muito tempo, por ter sido reprovada na Academia, eu achei que havia perdido a chance de ser eu mesma.

Nunca pensei em ser detetive particular. Foi meu avô quem achou que talvez eu levasse jeito para a coisa. Quando vovô e minha tia, que eram sócios, decidiram se aposentar, se ofereceram para pagar um curso de detetive para mim. Eu pensei *por que não?*, mas não tinha ideia do quanto iria me dedicar a esse negócio.

Mas a verdade é a seguinte: eu adoro bisbilhotar. É muito emocionante. Talvez isso tenha algo a ver com a frequência com que deixo de perceber os sinais. Investigar é como ser o Homem Invisível – não aquele do livro que tive que ler no ensino médio, mas o do filme antigo: uma pessoa que pode vagar por aí e olhar as pessoas sem ser visto. Penso toda hora: *ah, então esse é o lance dessa garota!*

Quando estou atuando como detetive, posso fazer coisas que normalmente são difíceis para mim. Não preciso procurar palavras para falar com estranhos, porque estou ali para fazer perguntas: “O que você sabe sobre Fulano ou Beltrano?”. Não ligo para os julgamentos das pessoas sobre a Pinky Maluca, porque estou trabalhando.

À noite, passo horas vendo vídeos no YouTube e visitando sites obscuros, tentando dominar o que chamo de DETBOT. Não tem nada a ver com algoritmos ou robôs; é tipo a cartola de mágico do detetive particular. Tudo começou com a licença de porte de arma, processo incluído

no curso de detetive. Agora, estou sempre lendo e treinando habilidades – técnicas de vigilância, disfarces, recursos inteligentes para fazer as pessoas falarem etc.

Mas nada disso me ajudou a descobrir muita coisa sobre meu vizinho esquisito. Comecei a fazer anotações, suposições e tal, para poder analisar cada pequeno detalhe e somar dois mais dois, mas até agora nada.

Esta noite, depois da reunião com a delegada, quando estou chegando ao meu prédio, vejo que O Cara Estranho (ou OCE, como comecei a chamá-lo dentro da minha cabeça) está no velho saguão de ladrilhos, saindo. Ele é uma criatura de rotina. Considerando a sacola de plástico amarela que ele traz toda noite, deve estar indo ao Ruben's, um restaurantesinho mexicano que fica a dois quarteirões daqui, onde a família toda cozinha.

OCE é educado, devo admitir, porque segura a porta quando me vê subindo a calçada. Isso lhe permite se esconder de novo. Ele está literalmente protegido pelas vidraças chanfradas da velha porta de entrada quando passo.

— Oi — digo.

Ele não responde, não sorri. Nem sequer assente. E desaparece assim que eu passo.

Através da pretensa parede, grossa como uma hóstia, que separa meu apartamento do dele, pensei ter ouvido vozes não muito depois que ele se mudou, por volta de primeiro de março, e imediatamente decidi espioná-lo. Os velhos truques dos filmes da década de 1930 – encostar um copo na parede, ou usar um estetoscópio – funcionam muito bem, mas não há nada como os aplicativos de amplificação de hoje, que aumentam o som e anulam ruídos externos. Também são ilegais, de modo que nunca contei a Rik sobre eles. No curso de detetive, sempre diziam que nosso empregador pode ser responsabilizado por qualquer coisa que fizermos, o que me levou a adotar o que considero as Regras de Ouro do detetive. Regra um: não contar a seu chefe mais do que ele precisa saber. Dois: acima de tudo, nunca ser pego.

Se bem que, ouvindo OCE, não descobri quase nada. Na maioria das vezes não consigo nem captar o som dos sapatos dele no chão ou a madeira rangendo. É como se ele estivesse ali meditando ou vendo por quanto tempo consegue prender a respiração. Ouço a água no encanamento de vez em quando. Minhas duas maiores descobertas são que ele tem rinite

alérgica, porque espirra alto de vez em quando, e que gosta do History Channel, especialmente programas sobre guerras antigas – essas eram as vozes que pensei ter ouvido. Fora isso, zero. Se ele digita em um teclado de computador, é silencioso. E deve estar vendo TV com fones de ouvido, porque nas últimas semanas nem isso eu ouvi.

Mas meu sentido-aranha me diz que esse cara está tramando alguma coisa esquisita ou perigosa. E se ele estiver construindo uma bomba e meu último pensamento, enquanto o prédio e eu estivermos nos transformando em um milhão de pedaços de entulho, for *eu sabia, eu sabia, porra!?* Então, quando vejo OCE virar a esquina, decido – como decido a maioria das coisas: sem pensar muito – segui-lo até o Ruben's. Isso não é estranho, porque passo lá pelo menos uma vez por semana. Só que geralmente é mais perto do horário de fechar, às nove.

Ruben abriu o restaurante depois do pior da pandemia. Tinha perdido o emprego, como tanta gente, quando os estabelecimentos fecharam. Isso acabou deixando muito espaço para restaurantes aqui ao redor do centro de Highland Isle, e a prefeita Amity usou parte do dinheiro federal recebido para a covid para financiar um programa de empréstimos, basicamente implorando às pessoas que tentassem de novo.

O Ruben's está indo muito bem, porque a comida é absolutamente incrível. As carnicas, em particular, rivalizam com o orgasmo do ponto G. Ruben usa carne desfiada – nada de carne moída – e temperos que dá para ver a família moendo na cozinha.

Três gerações dão duro ali à vista das pessoas no minúsculo salão. Os adolescentes picam os vegetais para fazer o molho picante. O grande sucesso dos comentários na internet é a avó, que fica sentada na frente de um forno de pedra quente, em um canto, virando tortilhas. A filha gata, que faz faculdade e cujo inglês é muito melhor que o dos pais, trabalha no salão, recebendo os clientes e anotando os pedidos. Quando as coisas se acalmam, ela volta para seus livros. Ela me disse uma vez que quer ser pediatra.

— O de sempre? — pergunta ela quando estou entrando.

— Pode crer — respondo.

Eu a acompanho até o caixa e encosto meu celular na maquininha de cartão. O Estranho, que avistei quando entrei, está sentado a uma mesinha a menos de três metros de mim, esperando sua comida.

Depois de fazer o pedido, eu me viro e finjo surpresa.

— Oi! — digo, toda calorosa e simpática, apesar de não ser muito boa nisso.

Ele está lendo um jornal. Algumas pessoas, e eu me incluo nessa, são tão tímidas que chega a doer, e se esse fosse o caso dele eu o deixaria em paz. Mas quem é tímido conhece seus semelhantes, e OCE não é esse tipo de pessoa. Ninguém o assusta. Seus olhos negros estreitos são duros como bolas de gude. Ele não diz nada e volta os olhos para o jornal.

Sou muito ruim em aceitar “Vá se foder” como resposta.

— Posso sentar com você enquanto espero? — pergunto.

Sua expressão azeda. Dá para ver que, se ele conseguisse articular as palavras, responderia “Cai fora”; mas ele sabe que, se me irritar, posso começar a tocar heavy metal às três da manhã. Então, ele faz um gesto com a mão, meio que dizendo “Não posso te impedir”, e eu me jogo na cadeira de plástico do outro lado da mesa de dois lugares. Há dez mesas aqui, em duas fileiras, com forros de papel xadrez vermelhos, alinhadas entre a janela e a cozinha. Nas paredes, há tapeçarias coloridas, com figuras simples.

OCE continua absorto no jornal, com uma intensidade claramente fingida. O fato é que nunca vi um jornal no lixo ou na lixeira do nosso andar, que dividimos e que eu examino periodicamente, esperando, sem sucesso, encontrar sinais do que OCE está tramando. Meu palpite é que ele pegou um jornal que estava ali na mesa ou comprou esse por um motivo especial. Mais dois clientes estão esperando seus pedidos, mas estão fazendo o normal: olhando o celular.

— E esse tempo, hein? — digo.

Nossa, dá para fazer pior? Quando digo que sou péssima com pessoas, estou falando sério.

— Você acha que esse negócio de mudança climática é sério? — acrescento.

Talvez isso seja ainda mais idiota que meu primeiro comentário, portanto, morrendo de vergonha, eu me vejo balbuciando:

— É que eu faço snowboard; bem, fazia, antes de quebrar a coluna praticando, então eu tenho um interesse meio profissional na neve, e vejo que está diferente, quase não neva mais aqui. Ah, talvez eu nem precise te falar isso... você é daqui?

Ele fica me encarando com seus olhos negros, calculando se precisa responder.

— Este jornal não tem a previsão do tempo — diz.

São as primeiras palavras que o ouço pronunciar. Sua voz é fraca e ele tem um leve sotaque, como se tivesse sido criado com outro idioma além do inglês.

Eu me inclino um pouco para ver o que ele está lendo.

— É o *Wall Street*? — pergunto.

Ele olha para o topo da página, como se não tivesse certeza, e solta um som que significa sim.

— Ah, então você curte finanças? — pergunto.

— Não.

— É só um investidor?

— É só uma coisa para ler — diz ele.

Penso em perguntar o que ele pediu – não foram as épicas carnitas –, mas sinto que o cara está quase trocando de mesa. O jornal continua erguido, como uma barreira. Na cozinha, a família tagarela em espanhol a toda a velocidade, às vezes gritando para ser ouvida acima da música *ranchera* que toca para os clientes.

Por pura sorte, meu pedido chega antes do dele. O próprio Ruben sai da cozinha de avental e luvas de plástico, segurando a sacola amarela.

— Clarence — diz —, sua comida.

Para fazer pedidos e nos lugares onde preciso dar um nome, comecei a usar “Clarice”, que colocaram em mim quando fui batizada. Em parte, porque ninguém nunca consegue acertar “Pinky”. Sempre me chamam de Stinky, Peeky ou Penny, o que é muito irritante. E porque às vezes eu gosto de fingir um pouco. Na verdade eu gosto muito – outra grande vantagem de ser detetive, já que muitas vezes tenho que encenar umas histórias improvisadas para esconder o que estou fazendo.

Usar meu nome, Clarice, não é a mesma coisa, obviamente, mas também é um jeito de fingir, como se eu tivesse nascido em uma família diferente, ou em uma época diferente, ou de uma mãe diferente. O nome da minha avó materna era Clara, e ela enfiou um pano no escapamento do Cadillac dela e se matou na garagem, uns seis meses antes de eu nascer. Em homenagem a ela, recebi o nome de Clarice, mas minha mãe, ainda

tomada pela dor, se sentia mal quando dizia um nome tão parecido com o da mãe dela, de modo que aceitou quando meu pai começou a me chamar de Pinky. Ele achava uma ótima solução, porque sua avó, com demência, não conseguia se lembrar de “Clarice” e sempre dizia “Olá, Pinky” quando me olhava, toda rosada, no berço.

Mas Ruben não entende “Clarice”. Ele me chama de Clarence desde a primeira vez que vim aqui. Desisti de tentar corrigi-lo e simplesmente pego a sacola amarela.

Volto para Sua Estranheza à mesa e digo:

— Você vai voltar pra casa? Eu espero.

Ele não responde por um segundo, até que solta:

— Vou comer aqui. Se cuida.

Mais uma vez, o olhar que acompanha esse comentário é simpático como uma adaga.

— Ah, tá bom.

Fico ali mais um segundo e, por fim, saio pela porta, humilhada e me sentindo uma idiota. Que ótimo trabalho investigativo! Não sei nada mais sobre OCE, tirando o fato de que é meio babaca e tem certeza de que a vizinha tatuada dele é uma esquisita.

Já caminhei um quarteirão quando, de repente, mudo de direção e sigo para o sul, até uma lojinha de conveniência na esquina, onde pergunto se eles ainda têm alguns dos jornais da manhã. O sujeito atrás do balcão, que é da Ásia Meridional, simplesmente aponta. Encontro o *Wall Street* de hoje e pago.

Faço um caminho indireto para casa; vou olhando as janelas e paro duas vezes para dar uma olhada no celular. Quando estou chegando ao meu prédio, vejo exatamente o que esperava: OCE entrando com a sacola amarela do jantar. Como eu disse, é uma criatura de rotina. Reprimos a vontade de correr e dizer alguma coisa para envergonhá-lo, porque seria contraproducente deixá-lo perceber que não engoli sua desculpa.

Então, espero até ele entrar. Primavera ou não, é uma noite fria, e estou com um casaco bufante e short. Nesta parte do país, abril é um horror; às vezes é úmido, frio e escuro, e até neva um pouco.

Nosso prédio tem uma placa de latão na frente, que está ali há mais de um século e diz *The Archer*. O nome não é uma jogada de marketing

inteligente; estamos na Archer Avenue. Acho que, cem anos atrás, os prédios tinham nome porque os endereços das ruas só estavam começando a ser usados. Enfim, é um edifício grande de tijolos amarelos, três andares, sólido como um castelo e construído em U. As alas que se projetam criam um lindo pátio na frente. Subo até o terceiro andar.

Acho que, quando o Archer foi construído, meu apartamento e o do vizinho estranho eram um só, provavelmente habitado por uma das grandes famílias de imigrantes europeus que estavam inundando Highland Isle. Agora, do meu lado, há uma cozinha, uma sala de estar minúscula e um quarto pequeno. O antigo banheiro foi dividido ao meio, me deixando com a banheira vitoriana e um chuveiro. Quando eu estava procurando apartamento para alugar, olhei também o de OCE. É maior, mas não vale os trezentos dólares a mais que o corretor da Wojczek estava pedindo.

Meu cachorrinho, Gomer III – Gomer, o Cocô, como o chamava uma mulher com quem eu estava saindo –, se anima, mas logo desanima ao me ver. Ele está sempre esperando que seja Helen – a mãe de Rik, sua dona original – que está chegando. Quando vovô foi para uma clínica, herdei o cachorro dele, já que a filha mais nova de Rik é alérgica. Por gratidão, eles me deram prioridade sobre os móveis de vovô. A maior parte das coisas que ele e Helen tinham era grande demais para este apê, mas fiquei com uma mesinha de vime para quatro pessoas, com tampo de vidro, que uso também como mesa de trabalho, e um lindo sofá azul, de tweed, que estraguei comendo na frente da TV.

Nesta noite, eu abro o jornal sobre a mesa antes de desembulhar o jantar. Posso afirmar honestamente que nunca na vida abri o *Wall Street Journal*. As únicas notícias que me interessam são sobre esportes, e eu as vejo no Twitter e no *The Athletic*. Só reconheci o que Estranho estava lendo porque esse jornal era entregue todos os dias na recepção do escritório de advocacia do vovô.

Enfim, viro as páginas grandes uma a uma, procurando a matéria que estava diante de mim quando eu estava sentada no Ruben's, que tinha uma foto dos mais recentes destroços na Ucrânia. Do lado que OCE estava lendo, não encontrei muita coisa; só um monte de matérias de dez centímetros, a maioria resultados financeiros trimestrais de várias empresas. Para mim daria na mesma se estivessem escritos em etrusco; termos como

“líquido do primeiro trimestre fiscal” e “EBITDA” me fazem lutar contra o hábito de parar de ler. Mas eu me forço a continuar, até que finalmente encontro a recompensa – ou o que pode ser a recompensa: uma bomba sobre a Northern Direct, a maior empregadora de Highland Isle.

Há doze anos, quando Amity Nieves venceu o chamado “prefeito vitalício”, Lorenzo DeLoria, que estava sob acusação federal, sua primeira promessa de campanha foi uma renovação séria em Highland Isle. Com a ajuda do nosso representante no Senado, ela conseguiu um monte de dinheiro federal. O centro – que é o meu lado da cidade – está melhor agora, o que atraiu muitos hipsters insuportáveis para cá. O outro grande projeto de Amity, o chamado Tech Park, no semideserto bairro de Anglia, logo abaixo da interestadual, teve resultados bons e ruins. Na verdade, é a principal questão deste ano na disputa entre Amity e Steven DeLoria, filho de Lorenzo, que é meio que o pai mais bem-vestido e com um curso de oratória.

Em alguns sentidos, o Tech Park deu certo. Algumas empresas se mudaram para lá, inclusive uma desenvolvedora de software educacional e duas indústrias “verdes” – uma que fabrica um aparelho que melhora o sinal de internet e outra que é uma farmacêutica veterinária. Mas uns setenta por cento do espaço reservado para a primeira fase do Tech Park foram concedidos à Northern Direct, uma grande empresa do ramo de defesa e segurança, que constrói aqui sistemas de orientação para mísseis e aviões. É um lugar assustador, um edifício térreo com umas antenas de radar em cima, sem janelas, cercado por correntes e arame farpado e seguranças carregando fuzis AK-47.

A Northern Direct chegou com quase mil vagas de emprego e uma tempestade de merda. Os ultraliberais, que, para começo de conversa, odeiam os militares, uniram forças com organizações locais de direitos civis e abriram um processo para bloquear os incentivos fiscais que Amity deu à Direct, que, supostamente, estão impedindo que a prefeitura honre todas as promessas feitas aos moradores desalojados. Isso interrompeu o segundo estágio de desenvolvimento, o que é um problema para os empresários da região, como Rik, que comprou o prédio onde fica o nosso escritório prevendo uma grande demanda. Agora ele não consegue alugar as salas como esperava, e é por isso que nós estamos presos na parte mais melancólica do edifício.

Enfim, a matéria do *WSJ* diz que a Northern Direct acaba de fechar um contrato de 92.646.787 dólares, mais despesas, com o Departamento de Defesa, para fabricar um equipamento de segurança cibernética que vai proteger os sistemas de orientação aérea contra hackers. O jornal diz que os detalhes sobre o acordo são sigilosos devido a preocupações com a segurança nacional, incluindo o lugar onde o equipamento vai ser montado.

É possível que OCE estivesse lendo sobre a Direct simplesmente porque é uma empresa com forte presença nesta região. Ou porque ele parece ser um sujeito que gosta de guerras e é fascinado por sistemas de armas. Presumindo que o novo equipamento de segurança vai ser construído aqui, OCE, pelo que sei sobre ele, pode estar vendo nisso uma oportunidade de trabalho. Há muitas explicações inocentes, mas algumas sinistras também, que sempre vêm à mente das pessoas quando ouvem “segurança nacional”. Talvez OCE seja um pacifista com a intenção de sabotar a Direct. Ou um ladrão de patentes que quer roubar essa nova tecnologia e vendê-la para outra pessoa. Eu seria capaz de evocar uma dúzia de possibilidades ruins.

Mas essa é minha primeira pista sólida. Aponto o dedo para a parede que dividimos e murmuro:

— Cara, tô de olho em você.